

Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental

Solange T. de Lima Guimarães*

Resumo

Em *Fragmentos* desenvolvemos considerações sobre as correlações entre as múltiplas faces e dimensões da percepção ambiental concernente à paisagem vivida. Deste modo, buscamos o sentido da concretude e do simbólico concernentes aos espaços e lugares experienciados, revelando a percepção de uma topofobia imanente à própria topofilia.

Palavras-chave: paisagem, topofilia, topofobia, experiência, percepção ambiental.

Abstract

In *Fragments* we develop considerations the correlations between both thematic axles and the multiple faces and dimensions of environmental perception of the landscape lived. In this way, we search for the concrete and symbolic meaning regarding to the spaces and places experienced revealing the perception of a topophobia immanent to the topophilia itself.

Key-words: landscape, topophobia, topophilia, experience, environmental perception.

* Profa. do Depto. de Geografia – UNESP, Rio Claro (SP) (hadra@uol.com.br).

A reflexão vai brotando entre a terra dos pensamentos e sentimentos, sensações e lembranças indefinidas, restos de mundos partidos e, por esta razão, em fragmentos: paisagens ... pluralidades...

Fragmentos porque a própria experiência de paisagem é integrada por contínuos processos de partir-se, quebrar-se, ligar-se, fundir-se, mediante o mover de nossos olhos, de nossas mãos, de todo o nosso ser — percepções do corpo e do espírito.

Experiências por espaços e lugares marcadamente concretos, impregnados de subjetividades a delimitar e construir os territórios do real e do imaginário de cada ser humano, segmentando a realidade em significados diversos, envolvendo o senso e a presença de mundo: gestos, palavras, toques, mensagens, memórias... Composição de imagens, ícones de nossa paisagem vivida.

A paisagem em suas múltiplas faces mescla-se com a vida, com o sonho, com o desejo de cada cultura, enquanto um único corpo. E então, novamente fragmenta-se para envolver uma gênese de atitudes e condutas, de formas e símbolos, de ciclos, movimentos, ritmos, de agir e não-agir — paisagens de um mundo fragmentado, plural, porque vivenciado sob diferentes cadências temporais... Paisagem crivada no tamis de nossas experiências e percepções, transformada em lugares, em imagens fragmentárias de universos culturais, paradoxos de percepções, experiências e valores, enfim de cosmovisões.

Fragmentos sobre paisagens

Paisagens emergem de uma única paisagem, segundo nossas experiências e percepções. Ao envolverem os aspectos objetivos e subjetivos de mundo vivido, cristalizam em suas respectivas imagens as estruturas das dimensões espaço-temporais onde a realidade é formada pelo real e imaginário, imprimindo marcas entre a racionalidade e a afetividade, originando complexos sistemas simbólicos.

Mediante estas marcas são definidos os lugares inscritos em cada ângulo da paisagem, segundo TUAN (1983), constituindo espaços diferenciados em sua gênese e identidade. As seqüências das imagens destes lugares variam conforme nossas experiências ambientais, sejam estas individuais ou coletivas, sendo transformadas no decorrer do tempo, em termos do seu significado e das formas de valorização dos seus componentes.

Os elementos que formam a composição destes mosaicos paisagísticos, ao conterem diferentes códigos simbólicos constituem, na visão de BONNEMAISON (1981:249-262), os “*geossímbolos*” de uma paisagem representando referências fundamentais para a memória de diversos povos. Alguns registros e tradições de antigas civilizações nos contam a respeito da história de vida dos homens e das suas relações com as paisagens da Terra. Ainda que estes não existam mais, as ruínas ou as relíquias paisagísticas continuam a ser uma fonte de recursos, levando-nos a um melhor conhecimento do potencial humano em relação à criação ou destruição do espaço vivido.

WAGSTAFF (1987: 02), ao discorrer sobre a paisagem cultural traçando intersecções entre a Geografia e a Arqueologia, considera as paisagens como um legado de formas onde “*the voices from the past are heard through an incomplete and fragmentary physical record*”. Para o autor, este legado, mesmo que fragmentário, situado na dimensão espacial, abriga o universo da experiência e dos significados imanentes a ele, envolvendo também sistemas de valores desenvolvidos em uma determinada época, durante a continuidade dos processos de evolução cultural das várias sociedades.

Assim a paisagem é sempre uma herança manifesta em testemunhos de uma objetividade que vai emergindo da própria subjetividade, tendo em vista, que a realidade geográfica nos conduz às múltiplas dimensões do *vivido*, extrapolando os limites territoriais muito além das suas imbricadas interações relativas à matéria, a concretude dos espaços.

As paisagens compreendem a atmosfera espaço-temporal do mundo vivido, porque os ritmos dos movimentos inerentes aos lugares trazem em si a dinâmica e a força das essências da Vida. Para DARDEL (1952: 42), representam “*une fenetre sur des possibilites illimitées: un horizon. Non une ligne fixe, mais un mouvement, un elan.*” Ainda, de acordo com este autor, a paisagem não se restringe apenas como substrato e meio, mas expande-se em significados, ao incorporar o sentido de fonte de vida, estabelecendo relações existenciais entre o Homem e a Terra, o sentido da geograficidade e de seus liames.

À medida que os grupos culturais reencontram seus espaços como um prolongamento da própria identidade dos seus habitantes, estas relações são intensificadas, interiorizadas, gerando processos combinados e simultâneos de construção, destruição e recuperação da paisagem, de natureza diversificada. Sob esta ótica, todas as paisagens são heranças em vários sentidos, seja como realidade terrestre ou realidade cultural, transformadas a todo instante, de maneira contínua, ao longo dos tempos.

Além destes processos interativos e transformadores, os povos ainda desenvolvem leituras de suas paisagens, reinterpretadas a cada novo experienciar, a cada nova percepção do espaço. O conhecimento decorrente desvenda a coexistência de paisagens vividas paralelas, completamente diferenciadas, segundo a percepção da realidade geográfica, pois em concordância com DARDEL (1952: 47), “*un même pays est autre pour le nomade, autre pour le sédentaire*”.

As formas de decifrar e compreender os símbolos interjacentes em uma paisagem tornam um mesmo lugar tão diferente para um indivíduo e outro, pois revelam o traçado de fronteiras tênues, sutis, existentes na percepção de um espaço material e outro imaginário, abrigando paisagens interiorizadas em afetividade, numa significativa interrelação de elementos naturais e construídos. Esta configuração da unidade paisagística, permite a DARDEL (1952:41) afirmar que “*le paysage est un ensemble: une*

convergence, un moment vécu. Un lien interne, une 'impression', unit tous les elements".

Deste modo, podemos ainda considerar a paisagem como o legado de um jogo de forças, testemunhando não somente a ação dos elementos e processos naturais, mas também as interferências da presença humana. Esta, de acordo com as circunstâncias experienciadas, atribui valores e significados às suas paisagens, que passam então, a inerir a sua própria história de vida, uma territorialidade marcada, determinada pela afeição, originando o espírito de um povo e de um lugar.

NAVEH e LIBERMAN (1984), de outro ângulo, consideram que a noção de paisagem abarca interrelacionamentos entre as sociedades humanas e seus espaços de vida, mesclando, por sua vez, as paisagens naturais e construídas. Estas relações, segundo os autores, encontram-se, desde a antiguidade, bem documentadas através das fontes bíblicas, talmúdicadas, gregas e romanas, podendo ser consideradas como uma espécie de berço para a civilização ocidental no tocante aos cuidados, práticas de conservação e manejo das paisagens.

O mais antigo registro referente à “paisagem” na literatura universal, conforme NAVEH E LIEBERMAN (1984:03), está no “Livro dos Salmos” (Salmo 48), onde se relaciona às palavras hebraicas “noff” (paisagem) e “yafa” (beleza), visando a descrição e a visualização da beleza cênica de Jerusalém, com suas construções, jardins, palácios e com o Templo, na época de Salomão.

As concepções iniciais sobre “paisagem” estiveram voltadas mais especificamente aos aspectos e valores estéticos, porém, através dos tempos, o significado do termo passou por profundas transformações, perdurando uma conotação associada à percepção visual, onde a preocupação ou foco de interesses, ainda girava em torno da harmonia e equilíbrio das formas e dos traçados paisagístico-arquitetônicos, tendo como objetivo central, a beleza de sua composição, de seu cenário. Nestas concepções não se registravam de modo explícito, reflexões ou preocupações voltadas

ao desenvolvimento de um senso ecológico referente aos conceitos de “*qualidade ambiental*” e de “*qualidade de vida*”.

Esta visão refletiu-se nas formas de organização do espaço principalmente, no continente europeu onde a “*construção*” de uma paisagem deveria conter os princípios simbólicos de um “*cosmos*”, onde suas hierarquias sociais, culturais, econômicas eram materializadas em formas arquitetônicas, a exemplo das catedrais góticas, representativas de um “*axis mundi*” relativo a um período histórico marcado pela fragmentação de suas estruturas, gerando intensos conflitos refletidos na paisagem geográfica. Na interpretação de imagens do real e do imaginário, do construído e do natural, era urdida uma herança paisagística fundamentada em padrões, valores, símbolos, numa somatória de poderes seculares e sagrados que organizavam os mundos desta época.

Ainda para NAVEH e LIEBERMAN (1984: 04), é do período da Renascença e, principalmente durante os séculos XVIII e XIX, que a conotação de espacialidade adquiriu uma significação crescente quanto à experiência da paisagem, em termos da realidade espacial/visual. Ao discorrerem sobre a evolução do conceito em questão, estes autores trazem à lembrança que só a partir do século XIX, Humboldt introduziu o termo “*paisagem*” (“*landschaft*”), revestido de um sentido científico-geográfico, tendo por objetivo, definir o caráter total de uma região da Terra (“*Der Totalcharakter einer Erdgegend*”).

Posteriormente, os problemas concernentes à organização dos espaços exigiram uma nova abordagem da temática e assim, diferentes estudos e análise sucederam-se, onde a paisagem estava intimamente relacionada ao conceito de região, privilegiando ora os aspectos fisiográficos, ora os aspectos sócio-econômicos e culturais de uma mesma paisagem, conforme as diferentes linhas do pensamento geográfico.

De maneira geral, ainda não podíamos observar uma análise integrada da Natureza e Sociedade, das paisagens naturais e construídas. A visão holística dos pioneiros naturalistas, a exemplo do próprio Humboldt, havia tornado-se fragmentária: a paisagem

era como um corpo que podia e devia ser dissecado pelos vários campos da Ciência: geografia, geologia, biologia, antropologia, arqueologia, entre outras.

Entretanto, durante as décadas anteriores e posteriores ao período compreendido pelas duas guerras mundiais e, de forma especial, os primeiros anos subsequentes ao pós-guerra de 1945, as questões geopolíticas relativas à reorganização das fronteiras internacionais, rupturas de relações colonialistas e estabelecimentos de acordos colaboracionistas e mercantis, levaram à emergência de diversas formas de abordar as questões sobre a paisagem. Esta mudança de atitude estava também vinculada a uma tomada de consciência científica diante dos problemas de degradação ambiental, crescimento populacional, utilização sustentada de recursos, poluição, etc., e, segundo NAVEH e LIEBERMAN (1984: 04), a noção de *Ecologia de Paisagens* como uma ciência interdisciplinar, surgia na Europa Central após a II Guerra Mundial.

Esta nova concepção trazia como pressuposição não apenas mudanças de atitudes e condutas humanas, como também, uma atitude de reconhecimento do meio ambiente como um sistema integrado, onde a paisagem *é* uma dimensão concreta espaço/temporal que, de acordo com os autores, vai definindo entidades do Ecosistema Total Humano. Sob esta ótica, envolve a integração estrutural e funcional da geosfera, biosfera e tecnosfera, onde a meta significa a reconciliação da Sociedade com a Natureza, mesmo diante de um complexo sistema de interações, destacando-se as demandas de uma sociedade industrial, de um crescimento demográfico acelerado, de impactos e riscos ambientais de gênese variada, em contraponto às necessidades mais sensíveis dos seres humanos. Troll, citado por NAVEH e LIEBERMAN (1984: 04), no início dos anos setenta, ao tecer considerações sobre o desenvolvimento semântico e epistemológico do conceito, define “*paisagem*” como “*the total spatial and visual entity*”, relacionada intrinsecamente, aos espaços

da vida humana, integrando portanto, a geosfera com a biosfera e a noosfera.

No campo da Geografia Humanista, durante as últimas três décadas os estudos sobre a paisagem foram retomados sob diferentes formas, considerado o caráter interdisciplinar inerente à sua própria conceituação. Neste sentido, surgiram novas análises não mais restritas às áreas específicas desta ciência, mas interrelacionadas às formas de expressão e representação plásticas e literárias, visto que todas são legítimas expressões da experiência e percepção ambiental respectivas à “*paisagem vivida*”. Muitos autores marcam a produção deste período, especialmente, em meados da década de setenta em diante, analisando a paisagem de maneira inter e multidisciplinar.

A paisagem, enquanto objeto de nossos estudos e análises geográficas, é um mosaico de inúmeras variantes em estágios diversos de interações simultâneas e contínuas transformações. Ao construir uma herança, a paisagem é o legado de remotas e intensivas modificações espaciais, resultado da combinação de processos naturais e antrópicos, tais como a heterogeneidade de ecossistemas, diversidade biológica e cultural, além de fatores sociais, econômicos, psicológicos em permanente geração de processos de degradação e regeneração, com profundas influências nos espaços de desenvolvimento dos ritmos e ciclos responsáveis pela vida e morte, ascensão e declínio das várias civilizações, assim como de seus lugares, de suas paisagens.

A paisagem vivida

Os estudos geográficos têm buscado em diferentes épocas, a compreensão e a tradução das experiências ambientais sob o impacto ou a influência de diversas instâncias, sejam de ordem natural, social ou cultural. Assim, a apreensão do significado do conceito de “*paisagem vivida*”, relaciona-se aos processos de cognição, percepção, afetividade, memória, alienação e construção de imagens.

Todos os fatores implícitos nestes processos, ao gerarem interações diferenciadas, envolvem muitos aspectos referentes às formas de experienciar e apreender a amplitude dos dimensionamentos espaciais e temporais. Para entendermos a paisagem vivida, não basta apenas a análise da percepção da dinâmica de suas estruturas espaciais, ecológicas, culturais, presentes no cotidiano de nossos lugares. É necessário que estejamos realmente imersos numa relação corpo/espírito/paisagem com os espaços que se prolongam em sua própria existência às dimensões do imaginário, do mítico, do simbólico, porque delineados e coloridos pelos sentimentos.

Estas maneiras de experienciar as paisagens incorporam as interações imanentes ao significado do “*vivido*”, derivando uma gama de percepções, valores, e atitudes diante de espaços e lugares, e de acordo com TUAN (1974), conduzindo-nos à percepção de outras “*realidades*” geográficas que extrapolam as coordenadas cartesianas, as mensurações matemáticas, as demarcações de meridianos e paralelos, para fundamentarem-se em bases fenomenológicas.

Deste modo, sob determinadas condições, o espaço é transmutado em lugar, marcado através de uma identidade especial, com um nome próprio e, segundo DARDEL (1952: 02), substrato das experiências de continuidade e descontinuidade da história de vida dos seres humanos e dos referenciais de suas sociedades, renovados de tempos em tempos, refletidos nos segmentos ou nos componentes das paisagens.

A paisagem vivida preserva e transmite ao longo de cada história de vida pessoal ou transpessoal, os valores e percepções de uma cultura, cristalizando em si o “*tempo vivido*”, mediando relações de convivência entre processos que resgatam as experiências do passado visando a compreensão do presente, bem como armazenando referências para o devir, numa convergência das realidades ambientais experienciadas.

A experiência ambiental nos induz à reflexão da existência destes espaços e lugares, pois as paisagens circunscritas aos

mesmos, envolvendo nossas vidas e ancorando recordações, encontram-se impregnadas de significados. Estes são renovados a cada experienciar, redefinidos sob planos de representações variadas, resultantes do próprio espírito humano: inquiridor, descobridor, criativo e imaginante.

Para BUENO (1994: 14), o espaço físico é essencial para a recordação da história vivida, pois na busca de um tempo vivido, encontramos no primeiro momento, imagens de uma dimensão espacial que “*ao se desdobrar, engendra o tempo e o oculta em suas dobras*”. A paisagem experienciada desta forma, não se constitui de espaços alienados, antes de tudo, conforme o autor, está investida de afetividade, de significações valorativas, originando um caleidoscópio de imagens entre o atávico e o real.

Em uma paisagem de seqüências entre o sentimento/pensamento, movimento/pausa, linha/ponto, permanência/transformação, engendra-se para BUENO (1994: 41), o espaço vivido experienciado como uma forma viva, onde fica clara a percepção dos lugares como “*capsuladores do tempo e detonadores da memória*”. Mediante as experiências codificamos nossa realidade, e o espaço vai servindo de âncora aos fatos ocorridos durante o histórico de cada vida: território fincado de imagens que mesmo fragmentadas, descontínuas, serão como marcos resistentes nos processos de memória e lembrança.

A leitura da paisagem encontra-se deste modo, vinculada à percepção sensível do espaço, onde de acordo com este autor (1994:36), os “*verbos conhecer e viver desdobram-se em padecer, esperar, amar, discutir, negar, em síntese, experienciar...*” Para BUENO (1994:34), o sentido da paisagem vivida poderia ser traduzido na força lacônica e profundamente significativa de sua afirmação: “*espaço, cápsula do tempo*”.

Também ROUGERIE e BEROUTCHACHVILI (1991), discorrendo sobre os diferentes aspectos da experiência ambiental, consideram que o espaço vivido estende-se muito além de seus sistemas e estruturas físicas, isto é, de um domínio povoado de objetos, elementos tangíveis, materiais, lógicos. Para os autores, o

conjunto das relações existentes na experiência do “vivido”, inscreve-se e imprime-se neste mesmo espaço. Assim, o experienciar permite a construção de lugares e regiões de natureza subjetiva, não-material, porém, percebidos como parte da realidade vivenciada quotidianamente por vários grupos de populações, em diferentes estágios de civilização.

Os laços que unem os seres humanos às suas paisagens, são formados por espaços experienciados sob múltiplas formas, imediatas ou não, em diversos níveis de interpenetração e interação, segundo Bertrand, citado por estes autores (1991: 105).

Ao considerarem a evolução do conceito de “*espaço vivido*”, ROUGERIE e BEROUTCHACHVILI (1991:107), nos lembram que neste relacionamento, ou seja, Homem/Paisagem, não é apenas a materialidade do espaço correspondente a uma região ou um território a ser resgatada, mas “*o que*” este espaço “*representa*” para os homens ligados ao seu território. Esta situação define, sobretudo, campos de relações subjetivas concernentes à percepção de suas representações, sejam estas, segundo os autores, geométricas, topológicas, projetivas, temporais e simbólicas.

Sob esta ótica, a paisagem é suporte de uma identidade, como também é mediadora das relações Sociedade/Natureza, onde através de alguns elementos naturais ou construídos de sua trama simbólica, exprime uma idéia, uma concepção de vida, de sociedade ou de mundo. ROUGERIE e BEROUTCHACHVILI (1991:115), ao analisarem a paisagem enquanto uma herança, nos recordam que para Sanguin, as paisagens podem ser percebidas como “*l’heritage intellectuel et spirituel d’un peuple*”, transcendendo os geossímbolos individuais, alcançando uma dimensão simbólica coletiva, envolvendo indivíduos, grupos étnicos, seja o nível de suas experiências pertencente aos domínios do sagrado ou do profano de seus lugares.

Ao discutir as relações existentes entre a paisagem e a territorialidade, RAFFESTIN (1977: 123-124), tece considerações sobre as mesmas enquanto sistemas de representação do espaço, tendo em vista, suas geoestruturas e geogramas, significando

sistemas tri-dimensionais de comunicação, compreendendo sociedade-espaço-tempo e a justaposição de seus relacionamentos. Para o autor, uma mesma paisagem dissimula várias territorialidades, pois estas implicam não apenas os espaços vitais (no sentido etológico), como também, o espaço vivido e o desenvolvimento de suas relações existenciais.

De acordo com RAFFESTIN (1977: 132), “*le paysage est la structure de surface alors que la territorialité est la structure profonde*”. Neste campo, a percepção do jogo de fatores manifestos no significado do “*vivido*”, torna-se essencial para a sua compreensão como um lugar de mediação entre o conhecimento imediato e o abstrato, entre o científico e o empírico, a razão e o coração, entre o real e o imaginário, o funcional e o simbólico.

A paisagem simbólica

CAMPBELL e MOYERS (1990), na análise das origens de certos mitos, de certos lugares e paisagens naturais e construídos, valorizados por muitas culturas de modo diverso ao longo dos séculos, trouxeram à luz uma reflexão de natureza ontológica pertinente à paisagem vivida. Em seus estudos, observaram como eram estabelecidos os contatos entre homens/deuses/lugares, como ainda, a criação e a hierarquização de valores e símbolos específicos aos assentamentos humanos, nos primórdios de suas origens.

Os relacionamentos decorrentes, se espelhavam na paisagem vivida, através de contínuas interações responsáveis pelos processos de geração dos mitos e arquétipos, identificando experiências ambientais essencialmente, orientadoras enquanto referências, por exemplo, de “*axis mundi*”.

Na compreensão da paisagem vivida apreendemos, simultaneamente, as imagens referentes às paisagens profanas e sagradas, pois uma envolve a outra, sendo indivisíveis na força, no poder de mediação ou no contraponto de percepções, permitindo que o real seja vivenciado de tantas formas quantas seríamos capazes de imaginar, sonhar, visualizar, desejar, construir...

Em busca de um conhecimento pertinente ao simbolismo dos lugares, enveredamo-nos por caminhos que desvendam uma interpenetração de espaços/mundos, pois há muito tempo, as antigas divindades respondem pela criação, destruição, organização das paisagens, de acordo com suas forças e caprichos. Às divindades, aos mediadores humanos, à criação dos mitos e sociedades, impregnaram-se ideologias e relações de poder, transmutando toda a semiose da paisagem em suas estruturas, linguagens e mensagens.

Nos processos de transformação e migração dos símbolos, as várias culturas renovaram as escalas de valoração dos seus universos simbólicos, iniciando a gênese de outros mitos, de outros lugares e, conseqüentemente, de novos padrões de organização e gerenciamento da paisagem geográfica.

Os espaços e lugares, por sua vez, abrigaram a construção e a sedimentação de vínculos de natureza secular e sagrada, demarcando estruturas paralelas de mundo vivido nas velhas paisagens. A renovação dos códigos simbólicos e de suas experiências e percepções geraram interpretações envolvidas pela magia e carisma dos seus próprios mitos, aliadas a um conhecimento geográfico de raízes empíricas. Este envolvimento dos aspectos míticos e geográficos delineou, em vários momentos, territórios que até os dias atuais apresentam limiares oscilando entre a obscuridade de uma intimidade subjetiva e a concretude exteriorizada nas fronteiras geopolíticas. Todavia, os homens que habitam a Terra continuaram a construir suas paisagens, ícones de suas culturas, onde vivências singulares levaram a níveis de experiências e percepção relacionados às paisagens das visibilidades, das não-visibilidades e ainda, àqueles concernentes aos níveis do sensível.

CRIPPA (1975), analisando as significações do espaço mítico para as realidades vivenciadas culturalmente, considera o sentido da experiência e da percepção dos diferentes níveis espaciais, do conjunto de significados e possibilidades que induzem ao estabelecimento de relações entre os seres humanos,

entre estes e as coisas e o meio ambiente circundante, de maneira harmônica. Assim, para CRIPPA (1975: 128-129):

A localização do espaço é vital. Nada pode o homem entender, nem realizar, sem sentir-se localizado. Fora do espaço tudo se dilui em distâncias imperceptíveis e todas as significações perdem-se num além indeterminável.

O espaço exerce uma função insubstituível no estabelecimento das categorias com as quais nos entendemos e com as quais tentamos compreender as demais realidades. Tudo sustenta-se e se relaciona nos limites de um espaço determinado. Não importa, para validar esta afirmação, se o espaço mensurável é uma condição da própria realidade ou um dimensionamento inteligível e sensível da realidade externa... As realidades como que assentam num "hic", num "illic", num "ubi" permanente. A consistência dessa localização garante a ordenação das coisas dentro de um mundo estável e inteligível.

A paisagem simbólica incorpora o dinamismo dos significados de "mundo vivido", trazendo à luz os universos geográficos, históricos e míticos específicos a cada grupo cultural, revelando seus lugares profanos, velando seus lugares sagrados. Toda paisagem vivida é também simbólica, em gradientes de valores maiores ou menores, individuais ou coletivos, tendo em vista, a leitura e a decodificação de suas mensagens, dos símbolos responsáveis pela singularidade das mesmas, que diferem tanto em termos da expressão e percepção, quanto da interpretação de imagens envolvidas por uma atmosfera especial, ligados aos processos da cognição, percepção, experiência, afetividade e memória.

A percepção da paisagem simbólica, sob uma perspectiva experiencial, é sensível pois cada "lugar" representa uma via de acesso às dimensões mais sutis, primevas, transcendentais (e ainda tão reais!) de uma paisagem. Estar em um lugar enquanto paisagem

vivida simbolicamente, é uma questão de olhar e sentir o espaço não sob ângulos reducionistas, mas de estabelecer, de criar relações onde cada um destes ângulos, cada elemento paisagístico inscrito nos mesmos, passam a possuir significados próprios, distintos e complexos, revestidos de valores, de identidade, constituídos por imbricadas percepções, interpretações e experiências, porque são partes de uma paisagem de infinitas possibilidades de representações, de expressões e sensibilidades.

A cada nova experiência ambiental, os elementos paisagísticos passaram a ser percebidos sob novas leituras, traduzindo-se em significados diferentes no tempo e no espaço, trazendo à luz uma identidade especial, única, uma visibilidade firmada em imagens indelévels, fortes. Tornaram-se ícones de todas as realidades - manifestada (objetiva) e manifestante (subjetiva), universos, segundo TUAN (1983:134), delimitados pelo “físico/histórico” e pela “expectativa e desejo” de todo o sentido da paisagem vivida no decorrer de muitos tempos, gerando percepções e experiências, um conhecimento ambiental caracterizado pela intimidade do reconhecimento das realidades exteriores e interiores de uma paisagem, como também através das formas memoriais, atávicas.

Na evocação das imagens ambientais através de um elemento paisagístico, o emergir de uma reflexão sobre seus signos icônicos — a representação do lugar real: sua concretude/abstração, segundo atitudes, interpretações influenciadas mediante uma herança cultural, e, conseqüentemente, levando à gênese das imagens de diferentes realidades contidas, conforme a percepção dos aspectos imanentes ou transcendentés à paisagem vivida. Desta forma, a percepção e a visualização das imagens encontram-se resguardadas em seus elementos/símbolos, *receptáculos de suas paisagens e lugares*, graças à envolvimento dos sentimentos humanos e nestes, de acordo com Ricoeur, citado por TUAN (1983: 10), “uma intenção e uma afeição coincidem em uma mesma experiência”.

As experiências ambientais são expressas de maneira singular, especial, sendo então, assim compreendidas e compartilhadas, adquirindo também os seus próprios referenciais simbólicos, inscritos no contexto paisagístico através de situações concretas ou abstratas, mas gravados no decurso de todos os dias da vida, pois para muitos grupos culturais, a experiência e a percepção concernentes ao meio ambiente, tornam-se essenciais para a sobrevivência de suas tradições e poderíamos sem receios de quaisquer formas, tomar neste ponto do estudo a afirmativa de TUAN (1983:203) “*sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos*”. Os lugares vivenciados *estão* e *são* com toda a força de expressão, registrados indelevelmente nas faces, nos corpos, e sobretudo, nas representações e nos olhares: no fundo dos olhos, trazemos paisagens interiorizadas nas profundidades dos nossos espíritos, vindas à luz por intermédio de experiências e percepções exteriorizadas em atitudes, condutas, emoções.

A experiência ambiental passa a ser assimilada em um universo de movimentos, de heterogêneas formas e ritmos, traduzidos mediante um imaginário coletivo, onde cada elemento paisagístico transcende sua original concretude, induzindo a *estranhas intencionalidades* que segundo TUAN (1983:10) ao derivarem-se do aprendizado a partir do experienciar, abarcando tudo aquilo que conhecemos, “*é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação do sentimento e pensamento*”.

O espaço experiencial revela-se em *lugar*. Suas paisagens vividas são, portanto, seus lugares, abrangendo definições e significados, conforme a visão de TUAN (1983:151) embora as idéias a respeito das concepções de temporalidade não devam ser consideradas sob os nossos próprios padrões culturais, pois são mutáveis em sua pluralidade de concepções. A significância da escala temporal não se prende aos períodos cronológicos estabelecidos por nós, e em conseqüência, o “*tempo seguro*” é avaliado de conformidade com as experiências, em seus diversos níveis de intensidade e não de duração.

As experiências ambientais carecem inúmeras vezes, através da observação e análise de relatos de vida, de objetividade e clareza, pois faltam palavras no vocabulário para expressá-los, estando impregnadas de imagens construídas entre o real e o imaginário, mescladas de fantasias em busca de estruturas que reflitam segurança diante da fragilidade das circunstâncias e situações. De acordo com a ótica apresentada por TUAN (1983: 152) sobre as relações das crianças com seus espaços experienciados, podemos dizer também que muitos seres humanos, enquanto consideradas as relações de pertinência respectivas a muitos segmentos de população (minorias) “*sabem que são frágeis*”, face à sociedade majoritária.

Para estes segmentos de população, a vulnerabilidade destes esquemas de vida experienciados ao longo de diferentes épocas, determinou o sentido de segurança coletiva, exprimindo um significado de lar na coesão grupal exclusivamente, e posteriormente, na atribuição de valores à paisagem.

Assim, o conceito de lugar é determinado segundo estes aspectos, no sentido do valor da proteção e, de modo mais íntimo, no aconchego e na permanência no grupo, não meramente restrito às dimensões espaço-temporais compreendidas por um território.

Deste modo, ao considerarmos a construção do sentido de lugar nos deparamos também com a construção e o desenvolvimento de sentimentos topofílicos e/ou topofóbicos, respectivos à afeição ou à aversão de um indivíduo em referência aos aspectos do ambiente físico, conforme TUAN (1980: 05 e 107) incluindo todos os elos de afetividade dos seres humanos com o seu meio ambiente material, percebendo-se diferenciações profundas referentes à “*intensidade, sutileza e modo de expressão*”.

Estes sentimentos fundamentados em aspectos geográficos factuais e simbólicos inerentes em si, auxiliam na compreensão da realidade ambiental e dos contextos experienciados, sejam estes relativos a um sistema mítico-sagrado, ou social-profano, envolvendo a percepção da verticalidade e da horizontalidade dos

eixos (“axis”) que estruturam nossas experiências primordiais em termos de atitudes e crenças, sobre *visões de mundo*, sobre a *ambivalência do vivido*, respondendo pelo delinear dos horizontes de uma paisagem, dos limites territoriais de um lugar.

Como decorrência, o *sentir um lugar* associa variações simultâneas de atitudes às emoções e à atribuição de valores, pois as imagens topofílicas e topofóbicas derivam da realidade do entorno, assumindo muitas formas em função não apenas da amplitude de sua carga emocional, como também de sua intensidade, sendo enriquecidas pelas infinitas combinações da fâcias dos aspectos concretos e simbólicos presentes em um dado contexto situacional. TUAN (1980: 137) ao analisar os vários aspectos envolvidos na imagética da construção do sentimento de topofilia, nos recorda que “*as imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente: as facetas do meio ambiente, previamente negligenciadas são vistas agora com toda a clareza*”.

A realidade ambiental ao fornecer o estímulo sensorial, nos induz à percepção de imagens intrinsecamente ligadas aos temperamentos individuais e às forças culturais atuantes em determinados períodos históricos, e, em conseqüência, temos a geração de sentimentos e valores, aos quais voltamos nossa atenção, consideradas as causas de nosso experienciar, tendo em mira que os lugares *transformam-se, transmutam-se* em símbolos — receptáculos de significados de parte ou de toda as nossas vidas.

Assim, a mobilidade através dos lugares consiste ainda, em um mover-se por um *arquivo de lembranças*, ancoradouro das imagens de experiências relativas a *espaço, lugar, paisagem*, sendo seus elementos transformados em geossímbolos, compreendendo *inspiração, permanência, probabilidades*: força e fragilidade imanentes a uma percepção. Sob esta ótica, os movimentos por entre os lugares, segundo TUAN (1980:288) nos transportam de sob as sombras dos elementos paisagísticos concretos, a exemplo de uma árvore, para outras dimensões, para “*um círculo mágico*

sob o céu”, na tentativa e na procura de atingir “*um ponto de equilíbrio que não é deste mundo*”.

Estes pontos de equilíbrio, âncoras de nossas experiências ambientais em diversas instâncias, talvez não estejam, nem possam ser encontrados na paisagem externa, mas somente na interiorização dos lugares, pois não dependem dos processos de mudanças restritas à paisagem, em seus níveis de deterioração ou degradação fisiográficas ou fisionômicas. Todavia, estão em relações de dependência aos processos da afetividade, memória e aos códigos de valores culturais responsáveis tanto pela formação quanto pela permanência de imagens ambientais (bem como de suas ambiências), admitindo-se, porém, a variação das mesmas no decurso dos tempos. Muitas vezes, estas conjunturas levam à gênese de uma topofilia ou uma topofobia que embora distintas, não se excluem mutuamente, podendo verificar-se em relação a uma só paisagem a ocorrência destes dois sentimentos opostos, concernentes a uma só pessoa, ou grupo cultural.

O desenvolvimento destes sentimentos transcende as fronteiras da materialidade, da dimensão relativa ao substrato das atividades humanas, seja qual for a sociedade considerada, onde os elementos paisagísticos associados a um dimensionamento simbólico, determinam uma territorialidade original e um sentido profundo de mobilidade, traçando um caminho que permite o acesso às diferentes faces da realidade ambiental, aos níveis de percebê-la e experienciá-la.

Neste sentido, pessoas e paisagens encontram-se em uma fusão afetiva permanente, onde topofilia e topofobia implicam o reconhecimento de espaços e lugares muito além da realidade terrestre: de uma paisagem interna construída a partir da concretude dos laços com o exterior, pois são múltiplos os símbolos, as imagens, os sentimentos e expressões...

Os seres humanos vivenciam uma paisagem geográfica enraizados em territórios em intersecções que os chamam diante de um mundo de subjetividades, entre o real e o imaginário, com um “*stock*” simbólico expressando e exigindo, enquanto realidade

geográfica na visão de DARDEL (1952:47), “*une adhésion si totale du sujet, à travers sa vie affective, son corps, ses habitudes, qu’il lui arrive de l’oublier, comme il peut oublier sa propre vie organique*”.

No *existir* em movimentos infinitos através de formas à primeira vista instáveis, frágeis e movediças, encontramos um paradoxo que desafia a ação desintegradora da passagem dos tempos, instalado na inquietude do mover-se continuamente por entre os espaços, e de quem está apenas por permanecer durante um período, mas tão somente em passagens, muitas vezes, irreversíveis e essenciais.

A experiência ambiental encontra-se, ainda, fundamentada em sentimentos topofílicos e topofóbicos, e a realidade geográfica apreendida induz à gênese de imagens que, por sua vez, ao serem evocadas, geram imagens e representações complementares lembrando e reconstruindo o mosaico paisagístico do *vivido*, onde a integralidade espaço-temporal resgata as próprias imagens individuais e coletivas, enquanto signos e símbolos de uma *comunidade de destino*.

Topofilia e topofobia resguardadas em evocações da memória e da percepção, porque a imagética decorrente transporta-nos a um tempo no qual os lugares comportavam as paisagens da vida, nas nuances do cotidiano, em suas constelações de experiências. Muitas vezes, do processo de perda destas imagens nasce uma topofobia em função do “espaço/tempo” experienciado — *símbolo, significado e significante* do cessar de toda e qualquer imagem de sonhos ou lembranças agradáveis, positivas, respectivas à memória e à percepção do sentido da paisagem vivida.

A topofilia subjacente à exteriorização dos sentimentos e emoções topofóbicos concerne às recordações de um “*existencial insideness*”, em sobreposições de paisagens exteriores e lugares interiores, atingindo dimensões existenciais silenciosas, entre imagens reais e oníricas, construídas por conhecimentos e sentimentos capazes não apenas de engendrarem uma compreensão, mas também de responderem por um modo de

orientação entre vários níveis de uma mesma dimensão, emergindo na construção e integração dos significados da experiência ambiental com a história pessoal e interpessoal existentes na relação pessoas/meio ambiente.

Não tratamos aqui da busca da memória dos lugares como uma espécie de “*arqueologia*” nem simplesmente, como a procura de “*ruínas*” de paisagens vividas, sendo o resgate da memória dos lugares e de seus territórios nada mais do que a própria compreensão dos seres humanos, de suas sociedades e culturas, iniciada mediante o compreender das experiências de paisagem através dos sentimentos. GENTELLE (1992: 232) ao discorrer sobre os paralelos da Geografia e da Arqueologia em uma reflexão sobre o sentido de *território*, como *lugar de ação e de vida* das sociedades humanas, da ocorrência de seus fatos únicos (históricos) e regulares (antropológicos), afirma que “*Territoire devrait alors s’écrire ‘terre-histoire’. Du fait qu’il n’existe pas de territoire sans mémoire, chaque portion de notre terre garde la trace de l’histoire humaine locale... ou mondiale... ou les deux*”.

Em relação a este estudo, um território ao constituir-se em uma paisagem intensamente experienciada, abarcando a história pessoal e grupal, guarda imagens significativas de um espaço vivido mesmo que efêmeras.

Percepções imersas em um ambiente concreto/imaginário derivando atitudes expressas nas diferenciadas condutas diante dos relacionamentos cotidianos com a sociedade, refletidas na assimilação de conhecimentos. Para TUAN (1980: 86) “*a medida que a sociedade e a cultura evoluem com o tempo, podem mudar a atitude para com o meio ambiente — até inverter-se*” e, assim, através de uma envolvimento mais ampla, sentimentos topofílicos podem vir a transmutarem-se em topofóbicos e vice-versa, graças à natureza das percepções e experiências ambientais.

A respeito destes aspectos e suas variações, o autor discorre sobre vários exemplos clássicos da literatura antropológica, onde são citados grupos de populações completamente diferentes entre si, em reflexões voltadas às

situações observadas em relação à experiência ambiental concernentes às sociedades pré-letradas e letradas, nômades, sedentárias, rurais ou urbanas, tribais ou não, de estruturas referentes a cosmovisões extremamente simples ou sofisticadas.

Em seus trabalhos, TUAN (1974;1977) apresenta a existência de um sentimento topofílico “ou” topofóbico, com base em suas análises sobre exemplos de sociedades pré-letradas, extraídos dentre os casos clássicos da literatura antropológica das décadas de quarenta e cinquenta. Ao revermos estes estudos e análises, muitas indagações surgiram, principalmente, quanto a induzir a aplicabilidade de tais generalizações referentes a topofilia ou a topofobia para outros contextos culturais distintos, sejam referentes a populações nômades ou sedentárias, mas que apresentam complexas estruturas sociais e imbricadas relações com seus espaços e lugares. Como exemplo de populações temos os ciganos e judeus ; como exemplo de lugares, a reconstrução de paisagens vividas em lugares como o antigo gueto de Varsóvia (paisagem topofóbica, de medo, de acordo com os pressupostos de TUAN [1979]), que refloresce na atualidade graças aos sentimentos topofílicos que perduraram.

Ao iniciarmos o século XXI, nossas concepções sobre a construção dos sentimentos e imagens concernentes ao meio ambiente ou à paisagem vivida não devem estar restritas, imutáveis e estáticas (ou estagnadas), mas em contínua e dinâmica transformação, tendo em vista, a gênese de diversificadas experiências, percepções e interpretações ambientais e a variedade de representações e de culturas e sociedades convivendo lado a lado, em interações íntimas e profundas. Territórios são interpenetrados sob múltiplas formas e, conseqüentemente, são experienciados de infinitas maneiras, levando à simultaneidade dos sentimentos e imagens topofílicos/topofóbicos ou vice-versa.

No entanto, em alguns casos específicos, a relação entre topofobia e topofilia não se encontra estabelecida nestes padrões, pois não envolve uma seqüência temporal de fatos determinantes de um ou outro estado, invertendo sentimentos segundo uma

transformação das percepções e/ou sensações que o meio ambiente venha a despertar ou suscitar. A experiência referente a topofobia coexiste à experiência topofílica — são simultâneas, como já afirmamos, ainda que formadas pelas contradições inerentes a esta interação, sendo vivenciadas a cada momento da experiência ambiental de determinados grupos culturais.(LIMA, 1997: 83-84).

Esta simultaneidade da *topofilia/topofobia* respectiva à natureza da experiência ambiental destes diversos grupos está firmada em suas especificidades culturais, na interpenetração dos níveis subjetivo e objetivo da experiência e da percepção e cognição relativos à paisagem vivida.

Mesmo ao considerarmos seus aspectos de irreversibilidade, a topofobia/topofilia desenvolvida ao longo de milênios no seio de muitas comunidades, levou à geração e sedimentação de atitudes e condutas responsáveis não apenas pela conservação e/ou preservação de sua cultura, como também, de seus modos de adaptação sob as formas denominadas “cripto”, em tentativas de dissimulação para sobreviver.

Das filigranas engendradas nas paisagens vividas extraímos, então, uma topofobia como algo imanente a topofilia. Para muitos destes grupos, os sentimentos topofílicos estruturam-se, mesclados aos sentimentos topofóbicos, inconscientemente, emergindo de maneira espontânea em sensações e emoções agradáveis, responsáveis por uma intimidade física e emocional de intensa mas suave afetividade: *corpos e espíritos, ambientes e ambiências, povo e paisagens... “Insights”*.

A afeição ou o desprezo condizentes a alguns lugares (enquanto considerados paisagem vivida), se relacionam diretamente às ambiências experienciadas, visto que as expressões topofílicas integram o sentido do todo verdadeiramente, mesmo envolvendo faces, pontos referentes à topofobia. Esta manifestação torna-se meridiana para nosso estudo e reflexão, podendo ser observada nas formas de interpretação da paisagem ao longo de todo o processo civilizatório.

Mediante a cognição, percepção, afetividade e memória, reconstruímos mundos vividos, resgatando a multiplicidade das imagens do meio ambiente, porque é neste resgate que também reside a identidade de um ser humano, a conservação de seus testemunhos, o legado cultural, mediante a narrativa da própria história de vida, através das paisagens de seus espaços e lugares.

As paisagens da Terra são assim transformadas ao associarem o contexto da dimensão do *vivido*, transmutando o conteúdo de uma realidade banal em sagas pela magia e encanto das tradições, adquirindo um existir para sempre — *paisagens ganham visibilidades insólitas resguardando diferentes sentidos, experienciados sempre pela simultaneidade dos sentimentos topofilicos e topofóbicos*.

Paisagens e culturas... Povos e suas paisagens — a simultaneidade envolvente da topofilia e da topofobia: *imago de seus lugares*.

Referências bibliográficas

- BONNEMAISON, Joel. "Voyage Autour du Territoire". **L'Espace Géographique**, nº 4, 1981, pp. 249-262.
- BUENO, Antonio Sérgio. **Vísceras da Memória: uma leitura da obra de Pedro Nava**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 1994.
- CAMPBELL, Joseph e MOYERS, Bill. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CRIPPA, Adolpho. **Mito e Cultura**. São Paulo: Convívio, 1975.
- DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- GENTELLE, Pierre. "Géographie et Archéologie", Bailly, Antoine et al. **Encyclopédie de Géographie**. Paris: Economica, 1992, pp. 221-233.
- LIMA, Solange T. de. **Paisagens & Ciganos**. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, IGCE, campus de Rio Claro, 1997.

- NAVEH, Zev and LIEBERMAN, Arthur S. **Landscape Ecology: theory and application**. New York: Springer-Verlag, 1984.
- RAFFESTIN, Claude. "Écogénèse Territoriale et Territorialité", Auriac, Franck et Brunet, Roger (coord.), **Espaces, Jeux et Enjeux**. Paris: Fondation Diderot/Fayard, 1986, pp. 172-185.
- ROUGERIE, Gabriel et BEROUTCHACHVILI, Nicolas. **Géosystemes et Paysages: bilan et methodes**. Paris: Armand Colin, 1991.
- TUAN, Yi-Fu. **Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, values**. New York: Prentice-Hall, 1974.
- TUAN, Yi-Fu. **Space and Place: The Perspective of Experience**. Minneapolis: University of Minnesota, 1977.
- TUAN, Yi-Fu. **Landscape of Fear**. Oxford: Basil Blackwell, 1979.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
- WAGSTAFF, John Malcolm (ed.). **Landscape & Culture: geographical & archaeocological perspectives**. New York: Basil Blackwell, 1987.

GUIMARÃES, S.T.L. Reflexões a respeito da paisagem... Geosul, v.17, n.33, 2002
